

Depois de *Rumores de azul* (2001), *Mar espesso* (2003), *A duna intacta* (2006) e este *Fragmentos de Maria*, Maria Dolores Wanderley já não é uma promessa, e sim uma presença singular de grande interesse dentro do caldeirão da poesia brasileira contemporânea, no qual totalmente novas experiências de linguagens poéticas (como aquelas que desmantelam mais radicalmente um sentido discursivo ao mesmo tempo em que apagam as fronteiras entre gêneros literários, filosofia e ativismo) são cozidas ao lado de inteligentes e frequentemente irônicas releituras que dão continuidade à nossa herança modernista e concretista, entre outras tendências. Mais próxima da tradição – ou melhor, de sua releitura e atualização – e do sensível, a poesia de Maria Dolores Wanderley – que nasceu e cresceu no Rio Grande do Norte e parece embeber e transformar de forma salutar suas raízes nordestinas – tem como uma de suas características formais mais marcantes o emprego de uma imagética lírica e natural, uma visão que perdura e se impõe mesmo nos poemas que falam sobre a cidade, como fica evidenciado no belo poema “Aqui”:

*Onde os relógios são nuvens
e os minutos esticam-se
- interminável carretel -*

*Para incluir um café
outra conversa,
no meio do dia*

Onde os relógios se movem a sol

*e nos regulam
como bromélias, heras
jequitibás
ipês*

*espalhados pelos muros
paralelepípedos
asfalto*

No entanto, se há um lirismo e um certo desejo utópico na poesia de Maria Dolores Wanderley, eles convivem e dialogam de uma forma intensa e ao mesmo tempo harmônica – e talvez esta seja a característica estilística mais singular e potente de sua poesia – com o desencanto e, principalmente, com uma dilacerante experiência de isolamento e não-pertencimento. Como o próprio título do livro já indica, *Fragmentos de Maria* alude de forma potente, mas sutil – e por isso mesmo mais eficaz e surpreendente – à esta alienação, que pode ser trágica e radical, como atesta o belíssimo “Poema em linha torta”, que faz menção a remédios, eletrochoques e silêncio, e que abre a seção “Maria”. Assim como o mundo natural, desmesurado, imprevisível e avassalador (embora superficialmente sereno e positivo) pode apagar a cidade e suas marcações, em poemas extraordinários como “Consolo” e “O Arcano Treze”, a poeta tenta lidar com esta visitação desestruturante. Neste último, pela menção aos nanofósseis (a poeta é geóloga), sabemos que é a própria Maria quem fala:

*A qualquer hora ele pode chegar
sem rosto, sem nome
solerte, traiçoeiro*

*Tento me concentrar nos nanofósseis
Chego a preparar aulas, liberar boletins,
responder mensagens ao computador*

*Desligo o rádio
Me empenho nos problemas amorosos
sabendo que não há solução*

*Tomo um café
falo sobre música, cinema, poesia
coisas que aliviam*

mas não o desnorteiam

Com estes poemas Maria Dolores Wanderley realiza sua intensa vocação poética e revela a (ainda) trágica condição do poeta. Para além das bem-sucedidas estratégias formais e estilísticas de *Fragments de Maria*, tal condição (tal possibilidade de inesperados abalos sísmicos) é o tema último deste comovente livro. Como deixa claro o poema “Poetas”:

*Que subam morros
atravessem túneis
viajem para Bangladesh*

*Que cruzem pontes
aprendam idiomas
ofícios*

*Que vão para a festa
para a praia, para o mar
Vejam cardumes, anêmonas, corais*

*Se encontrarão num fosso
estranhos
sós*

*Aí pescarão palavras
para extrair-lhes a carne, o óleo
o osso*

Renato Rezende